



ENTREVISTA

ENTREVISTA COM GABRIELE CORNELLI

Gabriele Cornelli

Universidade de Brasília (UnB), Brasil

gabriele.cornelli@gmail.com

DOI: <https://doi.org/10.26512/caleidoscopio.v2i1>

Ana Helena Rossi

Universidade de Brasília (UnB), Brasil

anahrossi@gmail.com

Ana Helena Rossi (AHR): Prof. Gabriele, esta entrevista trata de tradução. Como sabemos, a tradução é uma prática que existe desde milênios, e praticada em várias áreas do conhecimento. Portanto, o meu interesse aqui é identificar como você, enquanto filósofo e classicista, concebe a tradução em seus trabalhos e em seus projetos acadêmicos.

Gabriele Cornelli (GC): Quero começar esta entrevista referindo-me a uma história pessoal que nasce quando eu tinha 14 anos, nos anos 1980, e eu ia para o Liceu estudar os clássicos, em Milão, minha cidade natal. Com 14 anos, eu comecei a estudar latim e grego. Todos os dias, eu fazia uma tradução do grego ou do latim. Naquela época, não havia internet. E, todos os dias, por telefone, com meus colegas, tentava fazer essas traduções em grego e latim que devíamos entregar no dia seguinte. De certa maneira, vendo retrospectivamente, tenho traduzido desde esse tempo. Sempre traduzi textos clássicos. Quando vim para o Brasil, eu também tive que traduzir conceitos, maneiras de ver o mundo, quando estive em *Oxford* traduzi tentando explicar quem era e o que fazia. De certa maneira, eu acabei me tornando um expert em tradução por motivos pessoais e profissionais. Eu tenho filhos brasileiros com os quais eu falo, e quando falo com eles traduzo o que sou e traduzo a minha vida na Itália. Faço tradução. Para mim, a dimensão existencial é tão importante quanto a dimensão pessoal. Sou realmente um tradutor *full time*, por assim dizer.



AHR: No seu percurso profissional, em função do seu interesse em estudar, para além da história da filosofia antiga, também as tradições religiosas da Antiguidade, você encontrou textos cristãos e judeus em hebraico, grego e latim. Você pode explicar essa trajetória e a relação com a tradução?

GC: Profissionalmente, eu fiz dois doutorados, um primeiro na área das ciências da religião, e o outro na área da filosofia clássica. Tanto no primeiro quanto no segundo, eu enfrentei textos gregos, assim como fontes diversas tanto em latim como em grego. Então, tradução é uma parte central de toda minha trajetória acadêmica. No primeiro doutorado, eu fui atrás da figura do homem divino, comparando as vidas de Jesus e de Apolônio de Tiana¹. É interessante comparar essas duas vidas que têm muito em comum. Trabalhei principalmente com fontes judaicas e cristãs escritas em grego, e também com fontes pagãs. No segundo doutorado, trabalhei com a cultura clássica filosófica, e ainda com tradução de textos filosóficos da tradição pré-socrática.

AHR: Quais são as questões levantadas quando se traduz línguas que não são mais faladas, como o latim e o grego antigo?

GC: Algo que me chama muito a atenção com respeito à tradução que faço é que se trata de uma língua que não é mais falada. A primeira questão técnica – dificuldade fundamental para traduzir uma língua antiga – é que você deve conhecer bem a sua própria língua, conhecer a sintaxe. Por isso, aconselho frequentemente meus alunos a fazerem disciplinas das Letras para ter a capacidade de dominar o próprio idioma e compreender a lógica do texto. Não adianta você traduzir sem saber onde está o sujeito da frase, por exemplo, ou a diferença entre uma hipótese e uma previsão. Tratando-se de uma língua morta, não existe o falante a quem você possa perguntar ‘Como você expressa este conceito aqui?’ Uma segunda questão é a experiência trágica que identifica expressões que não são compreensíveis, aquelas que sugerem mais do que explicam. Às vezes, a gente tem várias possibilidades de

¹ NDE: Apolônio de Tiana, filósofo neopitagórico, predicador e taumaturgo nasce em 15 d.C. em Tiana, na Capadócia, e falece em 100 d.C. em Éfeso, atualmente localizadas na Turquia.



tradução. Não há certeza quanto a uma única possibilidade. Coloca-se aí a questão interessante sobre a incompletude: a gente tenta traduzir, mas nunca chega lá. Mas, por outro lado, para alguém que trabalha com filosofia, para alguém que não faz tradução de textos econômicos, trabalhar com textos que desenham uma visão de mundo e que tem uma certa abertura, é algo até desafiador. Trabalhamos com textos que são visões de um mundo desaparecido. Um dos cuidados é traduzir para o mundo contemporâneo, e não traduzir, como acontece frequentemente, pelo menos na área de filosofia, para o português de trinta-quarenta anos atrás. Trata-se de traduzir para o português moderno, atual. Se você traduz para um português que está distante, você afasta o leitor. Se você não consegue trazer o leitor, você acaba com o interesse no texto. O meu professor de grego era famoso por traduzir com palavrões, e tem mesmo muito palavrão nos textos gregos de certos autores. Com isso ele ao mesmo tempo procurava uma tradução filologicamente correta e mais contemporânea, por assim dizer, tirando a literatura de Platão, que era o que mais traduzia, do pedestal empoeirado de certas traduções antiquárias, para entregá-lo novamente à vitalidade sempre contemporânea dele. Daí vem minha atenção à necessidade de sempre traduzir para a língua contemporânea. Um exemplo disso é que quando a gente era jovem, diziam que a gente não podia usar a palavra 'coisa'. Mas a palavra 'coisa' faz sentido na nossa língua contemporânea e seu uso foi acolhido de fato. O grego utiliza muito adjetivos no neutro plural para indicar "coisas" sem melhor explicitação. Por exemplo, 'Eu admiro muito homens bons', em grego seria muito provavelmente dito assim: 'Eu admiro bons.' Isto coloca um problema interessante porque você precisa saber se deve explicitar ou não o nome implícito. Na Cátedra UNESCO Archai: sobre as origens do pensamento ocidental, que coordeno aqui na UnB, realizamos encontros de tradução toda quarta-feira: trata-se de sessões de formação, pensadas para treinarmos nossa capacidade e sensibilidade para a tradução, não para publicamos, mas para estudo. É o nosso exercício para refletir sobre soluções, sobre gramática, etc.



AHR: Qual é a dificuldade de traduzir para a língua contemporânea?

GC: Uma dificuldade de traduzir para a língua contemporânea é o problema do uso. Muitas vezes a abordagem é muito antiquada e exclusivista, a abordagem ao texto é antiquária, como dizia: parece querer preservar algo para mostrar no pedestal. No fundo usa-se o texto para mostrar que eu sei. Então a tradução fica exageradamente erudita. Mas, quando você lê no grego, em muitos casos o texto é popular, representa a linguagem do povo. O exemplo do Novo Testamento é interessante. O Novo Testamento é um texto simples e popular, do ponto de vista do léxico e da sintaxe. Mas por ser um texto usado ao longo de dois milênios para manter o poder, isto é, no caso, o controle da narrativa teológica, a tradução se torna muitas vezes incompreensível. Mas é claro: se você deixa o texto muito claro, você perde o poder. Então, um pouco de aspecto antiquado, de erudição é uma maneira de manter o controle. Em 2013, eu era presidente da Sociedade Brasileira de Estudos Clássicos, e fizemos um Congresso aqui em Brasília, convidando o escritor Luís Fernando Veríssimo para a palestra final. Alguns colegas levantaram dúvidas sobre o convite. A crítica foi: por que você convidou alguém que não tem nada a ver com a língua clássica? E a resposta foi: porque precisamos nos abrir para pessoas que não tem nada a ver com a língua clássica. Porque precisamos dialogar com os clássicos contemporâneos para aprender a traduzir para esta língua que falamos. Esse tipo de trabalho de tradução é fundamental, uma tradução que não aliene a tradução dos textos clássicos. Se você não retraduz Homero a cada trinta anos, você aliena o texto da geração atual.

AHR: João Guimarães Rosa é um escritor brasileiro que interagiu muito com os seus tradutores, buscando soluções, e discutindo com eles em detalhe. Você tira algum ensinamento disso?

GC: Guimarães Rosa construía os nomes de seu belo e fantástico léxico sertanejo, em muitos casos, retirando de sua vasta cultura grega. É o que se vê nas correspondências com seus tradutores italianos e alemão. Quando eu olhei para isso, pensei: o problema não é traduzir, o problema é recriar o mundo, dizer esse



mundo para o dia de hoje. E como acessar, hoje, esse mundo que se foi? Quem começou a filologia clássica foram os filólogos alemães no início do século XIX: Hegel, Schleiermacher, Schlegel. Eles eram românticos no sentido do movimento literário. E eles fizeram algo muito interessante: eles queriam ver, então eles iam para a Grécia, sentavam lá para imaginar o cavalo e o carro passar, sentir o vento passar, ver os reflexos do sol sobre as pedras dos templos. Entendi, mais recentemente, que eles se deixam tocar pela experiência do texto, e levavam isso para a tradução. Eles iam fundo, vivendo uma saudade dentro daquilo que eles estavam traduzindo. Traduzir, me dei conta com o tempo, é antes de mais nada reviver.

AHR: E você aplicou este método na sua experiência de tradutor?

GC: Quero contar um episódio quando estava em Oxford. Existia um arqueólogo e paisagista irlandês que questionou tudo sobre o espaço físico da Academia de Platão. Eu fiquei abalado, intrigado, e decidi verificar por mim mesmo. Um final de semana fui para Atenas para fazer uma coisa: ver topograficamente onde estava a Academia de Platão. Fui até o centro da Atenas antiga, a acrópole, e de lá uma manhã cedo parti para a Academia caminhando durante quarenta minutos até o parque de Akádemos, onde seria o sítio da Academia. Me convenci da tese do colega irlandês, se não por outros motivos, porque consegui de fato fazer o caminho no tempo que nossas fontes indicam que precisaria andar a pé do centro. Creio que neste momento pensei como um romântico: chega a hora em que você tem que ter uma vivência, você precisa se convencer. Se a tradução não procurar fazer isso, ela afasta o leitor. Porque o cara que gosta de hip-hop não pode gostar de Homero?



AHR: Você tem outras experiências de leitura a respeito de tradução em outras línguas?

GC: Quando eu comecei a me aproximar da língua inglesa, li Coetzee². Ele me interessou também por uma questão de ética que envolve a relação ser humano - animais. Eu li Coetzee em inglês (2012), li as traduções por conta das aulas que acabei dando sobre o tema, e vi uma série de erros de tradução, inaceitáveis. Enviei um e-mail para a editora brasileira, a Cia das Letras, que havia publicado o livro. Mas reconheço que há um problema: a tradução foi banalizada. Se você não é professor de literatura inglesa, você não consegue traduzir sem conhecer bem a língua inglesa. Por exemplo, no romance *Disgrace* (1999), Coetzee coloca certas palavras em itálico. Isso normalmente indica haver por trás da expressão alguma referência a um autor clássico da literatura inglesa. Não acaso Coetzee foi por muitos anos professor de Literatura inglesa na Universidade de Cape Town. No final do romance, a personagem principal encontra a graça para sua situação existencial realizando procedimentos de eutanásia em cachorros. Quando ele descreve essas cenas, ele afirma “because we are too menny”. Isto está em itálico no livro, sem nenhuma nota de rodapé. Quando eu li isso, eu fui procurar o que o itálico estava escondendo por trás do erro gramatical (menny em lugar de many). E descobri que se tratava de uma relação estabelecida por Coetzee com um outro³ romance da literatura inglesa, de Thomas Hardy. Nessa história, um menino que trabalha na Inglaterra durante a Revolução Industrial mata todos os irmãos, os pais, e se mata, e deixa um recado “because we are too menny”. O tradutor traduziu por ‘porque éramos muitos’, sem aspas, sem notas de rodapé. Ele simplesmente não entendeu o que estava dito ali, o link que o autor estava fazendo entre a maneira como tratamos os animais hoje e como tratávamos os seres humanos nos albores da revolução industrial. Então, a tese é a seguinte, se você traduz um professor de literatura inglesa, você precisa conhecer literatura inglesa. Não é por outra razão que os grandes clássicos foram traduzidos por grandes escritores. A

² NDE: John Maxwell Coetzee (1940 -), escritor de literatura sul-africano, vencedor do Prêmio Nobel de literatura em 2003.

³ NDE: *Jude The Obscure*, publicado na Inglaterra, em 1895.



figura do 'tudólogo', em qualquer área, mas especialmente na tradução, é um problema.

AHR: Você conhece a discussão sobre os intraduzíveis na tradução. Você tem algum exemplo sobre isso?

GC: Sim, o projeto dos Intraduzíveis, de Barbara Cassin, no qual eu traduzi um verbete em 2011, para o português. Estamos aguardando a publicação do dicionário.

AHR: Você tem um exemplo de tradução tirado das suas pesquisas?

GC: Um exemplo é o caso da palavra 'preüs' no Sermão da Montanha⁴, de Jesus. Esta palavra é muito pouco usada, e aparece cerca de 7 a 10 vezes. Sabe-se que quando uma palavra é pouco usada é porque ela é um termo bem específico, quase um dialeto, uma palavra menos literalizada. É algo que indica um problema. O texto é assim: bem-aventurados os mites. Se você vai ver esse termo na tradução grega da Bíblia Hebraica dos Setenta, ele se refere frequentemente ao camponês simples, ao pobre na terra. Você coloca a questão da terra. No texto diz: os pobres, os que tem fome, os que estão com fome, os que não são violentos. O que o texto está dizendo? Os que estão 'sem terra'. O tipo de sofrimento do camponês vem da sua terra que foi tirada.

AHR: Traduzir por 'sem terra' muda tudo.

GC: Sim, aí está o investimento ideológico que existe em toda tradução. Veja também o caso de Salman Rushdie, com a publicação dos *Versos Satânicos*, e a sua condenação.

⁴ NDE: Evangelho segundo Mateus.

AHR: Quais são os seus projetos de tradução em perspectiva?

GC: Estou atualmente trabalhando, junto com o colega e amigo Rodolfo Lopes, na tradução de todas as Cartas de Platão. É um processo longo, estamos publicando uma carta para cada número da revista *Archai* e esperamos poder concluir até 2019. Trata-se de textos que revelam uma compreensão muito interessante da relação entre filosofia e poder político, algo que me parece realmente muito atual em nossos dias.

Biografia do entrevistado

Gabriele Cornelli é professor de Filosofia Antiga (Associado I) do Departamento de Filosofia da Universidade de Brasília (UnB). Pós-doutorado em Filosofia Antiga pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), pela Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), pela Università degli Studi di Napoli, Federico II (Itália) e pela Universidade de Oxford (Reino Unido), é Coordenador do Programa de Mestrado em Metafísica e Orientador do Mestrado e Doutorado em Bioética da UnB. Já foi coordenador do Programa de Pós-Graduação em Filosofia e do Programa de Pós-Graduação em Bioética na mesma Universidade, assim como do Núcleo de Estudos Clássicos (NEC). Foi coordenador do GT-Platão e Platonismo da ANPOF (2008-14). Editor da revista *Archai* (www.archai.unb.br/revista) e da revista *Atlantís* (www.impactum.uc.pt) dirige a Cátedra UNESCO Archai: as origens do pensamento ocidental (www.archai.unb.br). É Editor de quatro Coleções: a coleção Archai (Annablume, SP), a coleção Cátedra (Paulus, SP), a coleção Filosofia e Tradição (UNESCO) e a prestigiosa coleção Brill's Plato Studies (Brill). É também Membro do Conselho dos Diretores Gerais da coleção Classica Digitalia (Imprensa da Universidade de Coimbra/Annablume Classica), membro do Conselho Editorial da Editora Annablume (SP), da coleção "Temi metafisici e problemi del pensiero antico. Studi e testi", coleção fundada por Giovanni Reale (Ed. Vita e Pensiero, Milano) e da revista *Méthexis* (Brill). Foi Presidente da Sociedade Brasileira de Estudos Clássicos (2012-13) e da Sociedade Brasileira de Platonistas (2008-2010). É também sócio honorário da Società Italiana di Storia della Filosofia Antica (2013-), membro-fundador da International Association for Presocratic Studies e Presidente da International Plato Society (2013-2016 - platosociety.org). É orientador dos Doutoramentos em Filosofia e em Estudos Clássicos da Universidade de Coimbra (Portugal) e professor Visitante do Departamento de Ancient Studies da University of Stellenbosch (África do Sul). Seu último livro autoral, *In Search of Pythagoreanism*, foi publicado pela editora De Gruyter (Boston/Berlin, 2013).



Biografia da entrevistadora

Ana Helena Rossi é formada em Jornalismo – Comunicação Social na Universidade de Brasília. Mestrado em Communication Sociale (Université de Bordeaux 3), DEA em História (École des Hautes Études en Sciences Sociales, Paris), e Tese de Doutorado em Sociologia das Práticas Culturais (École des Hautes Études en Sciences Sociales, Paris). Professora na Galatasaray Universitesi (Istanbul, Turquia) lecionando em língua francesa, de 1999 a 2002. Professora concursada na França na área de Língua e Literatura Francesas. Publicação de 2 livros de poesia em francês (*nous, la mémoire e historiographies premières*). Professora substituta na Université d’Aix-en-Provence, e orientadora de Monografias de Fim de Curso em Literatura Moderna. Professora na Universidade de Brasília desde 2011. Pesquisa e Publicação de artigos sobre tradução e conhecimento. Foi Chefe de Departamento do Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução (2015-2017). É membro dos Programas de Pós-Graduação e POSTRAD e POSLIT. Orienta trabalhos na Graduação e na Pós-Graduação. Líder do Grupo de Pesquisa Walter Benjamin: linguagem, tradução e experiência. Tem blog de poesia onde publica seus poemas em português e francês (<http://ana-poesia-poesie.blogspot.com.br/>). Fundadora e Coordenadora da revista caleidoscópico: linguagem e tradução (<http://periodicos.unb.br/ojs311/index.php/caleidoscopio/index>). Atualmente é Assessora na Vice-Reitoria da Universidade de Brasília.

Entrevista realizada em: 09/02/2018

Aceita em: 14/02/2018

Publicada em junho de 2018